

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

**O PÓS-HUMANO E A ARTIFICIALIZAÇÃO DA COGNIÇÃO:
Uma abordagem através do ciberespaço**

Renata Palladino¹

Resumo

O uso de psicofármacos para melhoria da performance cognitiva tem-se revelado um hábito cada vez mais comum no ambiente educacional, como mostram recentes matérias veiculadas nos principais meios de comunicação. Através de pesquisas em fóruns, redes sociais e demais ambientes de discussão e informação no ciberespaço, buscam-se relatos que exemplifiquem e permitam uma compreensão qualitativa e quantitativa mais abrangente desse fenômeno que concerne a artificialização da cognição. Com o quadro teórico formado por estudos de Foucault e alguns de seus intérpretes, tem-se como um dos objetivos esmiuçar o papel da informação no dispositivo biopolítico da atualidade.

Palavras-chave: Cognição. Ciberespaço. Biotecnologias. Biopolíticas. Pós-humano.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação pela UFRJ. E-mail da autora: repalladino@gmail.com

“I argue that we are seeing the emergence of a novel somatic ethics, imposing obligations yet imbued with hope, oriented to the future yet demanding action in the present.”

Nikolas Rose – The Politics of Life Itself

Apresentação e Contextualização

Pensar a contemporaneidade e suas particularidades requer o desenvolvimento de uma reflexão que permita ao indivíduo compreender não só o contexto em que está inserido, mas também o porquê deste contexto. Em tempos de déficit e capitalização de recursos cognitivos que se rarefazem cada vez mais, contar com recursos naturais do corpo humano muitas vezes acaba por trazer uma desvantagem competitiva em um mundo em que o ônus pago por pequenas “falhas” torna-se inaceitável e intolerável. O cenário atual parece exigir que indivíduos precisem cada vez mais desenvolver competências que seus corpos não parecem conseguir naturalmente – não por terem deficiências, mas porque são corpos humanos orgânicos e, portanto, limitados. É como se o atual contexto sócio-econômico e cultural criasse uma espécie de lei da oferta e da demanda que tende ao infinito e que parece não ter limite ou solução. Conforme as demandas surgem, este novo sujeito se projeta para supri-las, em um compromisso tanto individual quanto social, competindo consigo e com os outros.

Além disso, por mais óbvio que pareça, vivemos em um ambiente em que o sujeito torna-se cada vez mais gestor de sua própria vida, devendo se auto-gerenciar, maximizando suas potências e minimizando suas imperfeições. Parece ser dentro deste (não tão) novo ambiente que o uso de nootrópicos e neuroestimulantes ganha força e divulgação.

A proposta deste artigo destina-se, então, a tentar compreender quem é e como age este sujeito dos nossos dias, bem como sua prática biopolítica: a potencialização de si mesmo, de sua performance cerebral, seja ela feita através de nootrópicos² ou neuroestimulantes prescritos para Transtorno de Déficit de Atenção³. O *locus* da análise é

² Pode haver, no decorrer do artigo, o uso das palavras “nootrópico” e “psicoestimulante” como sinônimos, embora haja diferenças a serem ressaltadas entre elas.

³ Ritalina (Metilfenidato) é o mais popular e um dos únicos disponíveis no Brasil, fabricada pelo laboratório Novartis. É encontrada em comprimidos normais ou em cápsulas de liberação lenta (biodisponibilidade de aproximadamente 7h).

o ciberespaço como uma esfera de apropriação e compartilhamento de informações. Em outras palavras, o artigo tem como base de análise matérias divulgadas em periódicos online e propõe uma breve leitura de comunidades virtuais onde haja a possibilidade de análise clara a partir da troca de informações - em especial fóruns, blogs e sites de redes sociais.

Em 27 de abril de 2009, uma matéria foi publicada na revista *The New Yorker* com o seguinte título: “*Brain Gain: the underground world of neuroenhancing drugs*”. Em doze páginas, o artigo descreve com primazia vários casos de uso de neuroestimulantes por pessoas sem diagnóstico para tal, com destaque para o uso no ambiente universitário e escolar. Segundo a matéria assinada pela jornalista Margaret Talbot, em períodos de exames finais, o uso de medicamentos para Déficit de Atenção chega a 35% em algumas universidades. Tem-se um breve perfil do usuário médio: é aluno de universidades de grande porte (Ivy League) e, na direção oposta do que se acredita, não é ingênuo a ponto de não saber que efeitos colaterais dessas substâncias podem ser nocivos no longo prazo. Pelo contrário, é informado o suficiente para otimizar sua capacidade cognitiva e realizar de modo mais eficiente as tarefas diárias. Está perfeitamente ciente do mundo competitivo em que vive, mas antes de tudo consegue ter uma certa visão de que há também uma competição consigo mesmo. É o exemplo de indivíduo atual a que Bezerra Jr se refere como o indivíduo que tem o “eu” como projeto no presente, em contraste com o “eu” que vivia em uma sociedade com normas fortemente preestabelecidas no passado:

O que antes era *reivindicação* contra uma ordem social repressora (exercício da autonomia, singularidade, realização pessoal, direito à diferença, busca do prazer) transformou-se –, paradoxalmente, numa sociedade em que a autonomia do indivíduo se tornou valor central – um *imperativo*. (...) Os indivíduos acabam por criar uma incessante demanda que multiplica os dispositivos de ajuda com que tentam dar conta de construir seu destino (...) Cria-se esta curiosa relação de liberdade e dependência, que caracteriza a vida dos indivíduos da sociedade atual, e que Ehrenberg (1991 e 1995)⁴ chamou de *autonomia assistida*. (Bezerra Jr, 2010:118-119)

⁴ Os livros são, respectivamente, “*Le culte de la performance*” e “*L’individu incertain*”, ambos publicados pela Calmann-Lévy (Paris).

O trecho acima analisa muito bem a questão que o artigo jornalístico deixa de fora: a questão da autonomia do sujeito, os dispositivos biopolíticos dos quais este novo sujeito faz uso para otimizar sua performance em uma sociedade que parece contraditória ao deixar-nos livres, porém com a obrigação da auto-assistência - utilizando expressão do filósofo Alain Ehrenberg. Nas palavras do próprio:

Passa-se de uma visão sedativa a uma visão psicoestimulante. A inflexão do discurso sobre os medicamentos substitui o ópio do povo pela sociedade dopada: o indivíduo sobre perfusão é um aspecto da empresarização da vida. A obsessão de ganhar, de vencer, de ser alguém, e o consumo em massa de psicotrópicos estão estreitamente ligados. (...) As pequenas pílulas da felicidade são o perfil *cocoon* no próprio coração do perfil *training*, a reintrodução do bem-estar em um estilo de vida em que a tomada de risco, a prioridade da singularidade individual e o autocontrole definem as normas de conduta de cada um. (Ehrenberg, 2010:139)

É certo que existe um longo debate a respeito da bioética quando tratamos do assunto. Porém, antes de ser uma questão ética, o uso de psicoestimulantes na educação é, sem dúvidas, uma questão política. Forma-se, assim, uma espécie de círculo vicioso da oferta e da demanda capitalista cognitiva na era da eficácia: o indivíduo está inserido em um contexto sócio-econômico e cultural que cria necessidades e tarefas incessantes; este indivíduo, por sua vez, ao encontrar dispositivos⁵ que o ajudam de alguma forma com essa tarefa, apropria-se deles e dá continuidade ao processo numa espécie de novo modo não só de produção, como também de subjetividades e, certamente, de existência. Uma existência de um corpo que, inclusive, poderíamos chamar de pós-orgânico⁶.

Análise empírica: o ciberespaco

⁵ No caso específico deste artigo, os dispositivos em questão concentram-se no âmbito das biotecnologias.

⁶ Referência feita ao livro “O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais”, da autoria de Paula Sibilia.

Há um crescimento que podemos considerar exponencial no que diz respeito a matérias sobre o uso de neuroestimulantes no Brasil. As notícias, que dividem opiniões, consternando alguns leitores e entusiasmando outros, podem ser encontradas nos principais periódicos e portais na web, voltadas para o público geral, para o usuário médio da internet. Muitas notícias fazem análises que fogem do escopo deste artigo, ao mostrar como alguns psicoestimulantes podem ser apropriadas por jovens que aproveitam seu uso recreativo, por exemplo. Concentro-me naquelas que tratam especialmente do ganho cognitivo, portanto.

Há quatro exemplos recentes que tratam da questão nos seguintes veículos: Revista Superinteressante, O Globo, Folha de São Paulo e Portal R7. Todas tratam do uso da Ritalina em ambiente estudantil. A matéria encontrada na Superinteressante, curiosamente a mais antiga, trata de “como turbinar o cérebro” e cita formas que vão além da Ritalina. O segundo semestre de 2009 foi o período que concentrou todas as outras matérias, publicadas todas em datas bem próximas umas das outras. Percebe-se claramente a convergência dos assuntos, criando um viés no posicionamento dos jornais e revistas brasileiros sobre o assunto. Comparativamente – e não por acaso –, os meios de comunicação brasileiros ainda engatinham quando comparados aos periódicos norte-americanos. E o mesmo pode ser dito a respeito das trocas de informações nas comunidades virtuais, bem como o grau de relevância das mesmas.

Para análise no campo brasileiro do ciberespaço, reuni informações retiradas de dois tipos diferentes de redes sociais: o Orkut, que permite a criação de comunidades por um moderador, que pode torná-la de acesso privado ou não; e o Twitter, que não se caracteriza por rede social embora haja grande troca de informações diariamente através do que os usuários postam ao longo de parcos 140 caracteres. A análise em um site de microblogging não parece ideal, mas demonstrou ser bastante rica por possibilitar que comentários sejam respondidos por qualquer usuário que leia o que foi escrito em primeiro lugar.

A isso, é importante acrescentar algumas observações: o Orkut, criado em 2004 e amplamente bem-sucedido no Brasil, em 2010 teve crescimento apenas entre a classe C. Há um impacto nessa informação: discussões fervorosas sobre medicamentos que antes aconteciam nas comunidades destinadas a isso, hoje perdem força. O cidadão da classe C não é o usuário de psicofármacos para ganho cognitivo tal como descrevi anteriormente. Portanto, ao tratar do Orkut, a análise tornou-se forçadamente uma análise de posts

arquivados por usuários que ainda mantinham sua conta habilitada. Quanto ao Twitter, a análise foi feita através da ferramenta de pesquisa, o “search”, onde a palavra utilizada foi simplesmente “Ritalina”. A partir daí, pode-se tirar conclusões quantitativas e qualitativas a respeito das discussões. Isso posto, vamos às análises.

Twitter

O twitter consiste em uma ferramenta de *microblogging* que segue um modelo não-ideal para a pesquisa proposta. Entretanto, por ser uma das ferramentas de troca de informações no ambiente virtual que mais cresce no Brasil, acabou sendo escolhida para tal análise.

Observou-se durante 30 dias corridos, entre os dias 3 de agosto e 2 de setembro de 2010, conversas que incluíam o verbete “Ritalina”. Foram considerados os posts feitos apenas por brasileiros. Na análise quantitativa, a média de posts durante os 30 dias analisados foi de 53 posts por dia. O número tende a ser um pouco maior: usuários com perfis privados (ou “trancados”) que mencionem a palavra não terão seus dados expostos em minha busca, portanto há de se considerar um desvio-padrão.

Qualitativamente, em um estudo um pouco mais esmiuçado, o perfil das pessoas que teciam comentários a respeito de “Ritalina” pareceu bastante homogêneo: jovens, ambos os sexos, prevalência de alunos do Ensino Médio ou Graduação⁷. Incluí na pesquisa, embora não seja a ideia inicial, aqueles que se diziam diagnosticados, e não só os que mencionavam frases como “não consigo me concentrar, preciso de Ritalina”. A margem de erro, percebe-se, é bastante grande, mas justifico tal desvio por ser uma pesquisa demasiado recente e por, obviamente, o Twitter apresentar muitos “poréns” quando se propõe uma análise como essa.

Orkut

Uma análise foi feita a partir da comunidade mais ativa sobre Ritalina no Orkut: “Amigos da Ritalina”. Em agosto de 2010, a comunidade já contava com mais de 3 mil

⁷ Este é um dado curioso e que parece truncado: acredita-se que os grandes usuários de Ritalina não diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção pertence ao grupo de pós-graduandos. Algumas hipóteses para este fenômeno merecem ser discutidas.

membros que tentam discutir livremente assuntos relacionados ao déficit de atenção e seus medicamentos. Pouco se observou quanto a discussões a respeito de seu uso como extensão da educação e tampouco foi encontrada uma discussão a respeito do caráter biopolítico que o uso de um psicoestimulante traria. A maioria dos usuários discute a respeito de diagnóstico, efeitos colaterais, interações com outras drogas (lícitas ou não), comorbidades e, claro, formas de acesso ao medicamento. O ambiente de discussão é muito mais user-friendly para a análise que o Twitter, por razões óbvias: é uma comunidade com um tema definido. Percebe-se que os comentários não saem do lugar-comum no que diz respeito ao transtorno – como, por exemplo, um post sobre a crença de que pessoas que sofrem de Déficit de Atenção têm inteligência acima da média.

A comunidade em questão foi escolhida por ter bons moderadores que permitem um debate que, embora um pouco fora do escopo desta pesquisa, criam regras e mantêm tópicos organizados. Muitas outras comunidades existem sobre o assunto no Orkut, inclusive a comunidade “Eu sou DDA/TDAH”, que também em agosto já contava com mais de 25.000 membros. Apesar da menor quantidade de participantes, a primeira comunidade aponta tópicos mais interessantes e está ativa desde 13 de junho de 2004 – ou seja, foi uma das primeiras comunidades a discutir o assunto em português.

Fóruns

É curioso perceber que os fóruns ainda são o local de troca de informações mais específicos e detalhados no ciberespaço, pelo menos no que concerne o assunto deste artigo. Seu formato engessado permite pouca interação imediata entre participantes, mas seu caráter extremamente informativo ainda serve de refúgio para discussões sobre vários assuntos. Infelizmente, nenhum fórum brasileiro pareceu ter novidades em relação a comunidades já existentes no Orkut, por exemplo. Entretanto, faço aqui uma breve descrição de um fórum internacional bastante relevante para esta pesquisa, o “ADD Forums”⁸. É quase auto-explicativo: o déficit de atenção, com ou sem hiperatividade, é o foco da discussão. Entretanto, muito é encontrado além da questão da “falta de atenção” como transtorno: nele, encontram-se desde alternativas ao tratamento como, finalmente, o

⁸ Pode ser acessado em <<http://www.addforums.com/>>

uso de medicamentos psicoestimulantes em pessoas não-diagnosticadas, como proponho desde o início. Existem relatos minuciosos a respeito de posologia, farmacocinética, maximização da potência do medicamento, resistência, toxicidade... tudo. Além disso, um tópico que se tornou fixo no fórum em questão merece uma citação: há uma área de discussão conhecida como “DDA em adultos”, e nela foi criada, em 05/08/2010, um tópico chamado “ ‘*Não há prova científica?*’ – *aqui está a prova*”. Excelentes discussões encontram-se neste único tópico, que conta com mais de 100 respostas/comentários. O título mostra mais ou menos o fervor da discussão: um usuário cansado de querer provar que o Déficit de Atenção existe biologicamente, escreve um texto argumentativo com várias referências psiquiátricas. A tendência é concordarem com ele, e quando isso não acontece, vai-se ao extremo oposto, apresentando sempre hipóteses que podem ser reais, porém incompletas – “é invenção da indústria farmacêutica”, “é algo que surgiu recentemente com o excesso de informações”, e por aí vai. Entretanto, alguns usuários levantaram a questão que considero primordial: não existem provas finalizadas e, ao que parece, o Déficit de Atenção é, talvez, muito mais uma questão social do que biológica. Ainda não se sabe ao certo como tratar toda a controvérsia que isso gera, apesar das constantes pesquisas e especulações. Um medicamento que aumenta a atividade de uma região do cérebro (o córtex pré-frontal) e aumenta a recaptção de dopamina (o principal neurotransmissor envolvido no transtorno em questão) não legitima cientificamente o Déficit de Atenção como uma doença causada por baixa atividade no córtex pré-frontal. De fato, o medicamento age dessa maneira e por isso consegue ter certa eficácia, inclusive nos indivíduos que fazem uso esporádico. Isso seria gerar a causa a partir do efeito e, embora também não existam evidências concretas que neguem que isso seja possível, não temos como saber. O déficit de atenção é um dos transtornos mais nebulosos presentes no DSM-IV⁹, e não é só porque gera uma legião de crianças medicadas. Este artigo, inclusive, nem trata desta temática, e sim procura explicar como esse mecanismo funciona para quem quer otimizar a vida. Por isso, o fórum em questão mostra-se útil ao abrigar debates que vão desde a questão da biologização das subjetividades quando à própria cultura da eficácia. A

⁹ DSM significa “*The Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*”. DSM-IV refere-se à quarta edição do manual, atualizado periodicamente, incluindo novos transtornos e removendo alguns antigos. A próxima edição, o DSM-V, está prevista para Maio de 2013. Mais em: <<http://www.dsm5.org/>>

marca registrada que explicita essa cultura é justamente um outro comentário feito neste mesmo tópico, em que um participante diz não estar preocupado com a busca da verdade. Para ele, não há diferença significativa que o afete no curto prazo no que concerne a questão: tanto faz se o transtorno vem de uma falha cerebral ou se é uma construção social dos dias cada vez mais atribulados de hoje. Este participante é o retrato do que tentei mostrar no texto: ele faz uso da medicação como forma de otimizar sua existência, de ser mais eficaz do que seria caso não fizesse uso de tal medicamento, talvez. Sem saber, ele é retrato do sujeito do século XXI, o sujeito da *autonomia-assistida* que faz uso de dispositivos biotecnológicos que lhe são convenientes à medida que o benefício parece valer o custo, ainda que não se saiba ao certo o custo futuro. Como bem diz Margaret Talbot, que assina a matéria sobre ganho cognitivo da revista *The New Yorker* citada no início do artigo: “*Cada era tem sua droga. Psicoestimulantes parecem encaixar-se perfeitamente em nossa cultura-BlackBerry obcecada por eficiência*”. Difícil discordar.

Referências

- BEZERRA JUNIOR, B. C. “A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar” In. FREIRE FILHO, J. (org.) **Ser feliz hoje: reflexões sobre o impertativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- EHRENBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida/SP: Idéias & Letras, 2010.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. São Paulo: Edições Graal, 1988.

Periódicos (jornais/revistas/online)

- LAURENCE, J. **Bioeticista pede liberação de drogas para “doping mental”, como a Ritalina, dizendo que elas são uma extensão natural da educação**. Caderno Mais!, Folha de S. Paulo. 21 jul. 2009.
- POLATO, A.; TAVARES, I. **Estudantes usam remédio para turbinar o cérebro**. Portal R7, 30 set. 2009. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/vestibular-e-concursos/noticias/estudantes-usam-remedio-para-turbinar-cerebro-20090927.html>> Acesso em: 21 jul. 2010
- TALBOT, Margaret. **Brain Gain: The underground world of “neuroenhancing” drugs**. New York: The New Yorker, 27 abr 2009. Disponível em: <http://www.newyorker.com/reporting/2009/04/27/090427fa_fact_talbot> Acesso em: 22 mai. 2009.
- VERSIGNASSI, A.; SZKLARZ, E. **Como turbinar seu cérebro**. São Paulo, Revista Superinteressante. Ed. 256, set. 2008. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/como-turbinar-seu-cerebro-447714.shtml>> Acesso em: 21 jul. 2010.